

A VONTADE DE PODER COMO AFIRMAÇÃO DA VIDA

WLISSES DE FREITAS FREIRE - Bacharelado em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).
wlissesweb@gmail.com

Resumo: O presente artigo tem como proposta explorar o conceito nietzschiano da vontade de poder desde sua emergência a partir do evento histórico da Morte de Deus no qual resulta no completo esvaziamento de valores e sentido, inclusive da vida mesma. Nesse sentido, busca-se aqui alcançar uma compreensão do conceito de vontade de poder enquanto afirmação da vida.

Palavras-chave: Nietzsche; Vida; Vontade de Poder.

Abstract: This article aims to explore Nietzsche's concept will to power since its emergence from the historical event of the Death of God in which results in a complete emptying of values and meaning, even of life itself. Accordingly, we seek to reach an understanding of the concept of will to power as affirmation of life.

Keywords: Nietzsche; Life; Will to power.

I. Introdução

O presente trabalho procura apresentar uma perspectiva sobre o célebre conceito nietzschiano da vontade de poder enquanto afirmação da vida em sua absoluta escassez de sentido ou justificação. Surgindo pela primeira vez na obra Assim falou Zaratustra, este conceito central da filosofia nietzschiana possui uma multiplicidade de interpretações, mas uma se destaca, que é justamente a de que vida é vontade de poder, isto é, a vontade de poder é a ideia através da qual o filósofo traduz vida. Não possuindo nenhuma conotação metafísica, religiosa ou idealista. A vontade de poder é o princípio ontológico responsável pela totalidade do real, distinguindo-se dos outros princípios elaborados pela tradição filosófica ocidental já que Nietzsche não busca uma fundamentação da realidade a partir de algo situado para além dos fenômenos e das relações que os produzem ao formular a vontade de poder. Nesse sentido, a vontade de poder surge como uma nova compreensão, ou seja, como novo horizonte hermenêutico que não nega a vida em favor do nada. Para se chegar a isto se faz necessário entender o percurso dessa acepção, ou seja, o surgimento desse conceito na filosofia de Nietzsche.

Sabe-se que desde a obra *O nascimento da tragédia* Nietzsche já busca formular uma concepção trágica. Nessa mesma obra ele formula sua teoria dos impulsos ao apresentar uma noção que se poderia enxergar como semelhante ao que posteriormente seria chamado de vontade de poder¹, pois os impulsos brotavam da própria natureza e apresentavam uma dinâmica de forças vitais na criação artística e mesmo numa transfiguração da existência através da arte, uma justificação estética da existência. Essa ideia veio a ser em sua filosofia, alinhada ao trágico, uma inspiração para a autopoiesis, ou seja, uma proposta de construir modos singulares de vida, criar a si mesmo por meio do jogo de impulsos vitais que apresentam novas possibilidades de afirmação. Mas como surge a vontade de poder?

¹ “Presentes nos primeiros trabalhos do filósofo, desempenharam papel relevante na análise da arte grega. [...] No período da transvaloração dos valores, a ideia reaparece. Pulsões cósmicas, apolíneo e dionisíaco são aspectos que o conceito de vontade de poder recobre. Dionisíaco é o princípio que quebra barreiras, rompe limites, dissolve e integra; apolíneo, o que delinea, distingue, dá forma. Ora, por seu caráter intrínseco, as forças querem exercer-se sempre mais; da luta entre elas, surgem novas formas, outras configurações.” (MARTON, 1990, p. 56.)

II. “Morte de Deus” e ascensão do niilismo

Após constatar a morte de Deus, torna-se evidente para Nietzsche que todo o plano de efetividade do mundo sucumbe num completo falecimento da unidade estrutural e isto acaba por se constituir como um golpe na vida, afinal isto conduz à instauração do niilismo, num completo esvaziamento de valores e de sentido, pois Deus era, segundo a tradição de pensamento filosófico ocidental, o pilar central que possibilitaria o mundo e a própria vida. Cabe observar que ao fazer referência à “morte” de Deus, Nietzsche apresenta uma margem para ampliar a interpretação desse pensamento e atentar para um processo vital. De imediato se pode evidenciar que o conceito nietzschiano de Deus diverge da tradição, pois a chave ontológica muda, nesse entendimento é a vida que possibilita Deus, isto é, para haver possibilidade de um questionamento qualquer sobre a vida, seria necessário que a vida mesma tivesse se dado. Nesse sentido, Deus não pode ser considerado como fundamento originário, mas sim como uma criação, isto é, uma expressão do pensamento, pois:

O caráter geral do mundo, no entanto, é caos por toda a eternidade, não no sentido de ausência de necessidade, mas de ausência de ordem, divisão, forma, beleza, sabedoria e como quer que se chamem nossos antropomorfismos estéticos. (NIETZSCHE, 2012, pp. 126-127)

Assim sendo, “Deus” surge enquanto parâmetro interpretativo e valorativo tardio para apresentar resposta à questão da vida. Isto posto, Nietzsche faz o anúncio da morte de Deus na narrativa do homem louco na seguinte passagem da obra *A gaia ciência*:

Deus está morto! Deus continua morto! E nós o matamos! Como consolar, a nós, assassinos entre os assassinos? O mais forte e mais sagrado que o mundo possuíra sangrou inteiro sobre nossos punhais (NIETZSCHE, 2012, p. 138)

Com base nessa passagem se pode compreender que, ao se referir a Deus como tendo sido “o mais forte”, o filósofo se remete a noção de vontade de poder, pois a força liga-se à conservação e ampliação do âmbito de poder para dominar outras forças. De modo amplo, tal força refere-se também ao poder de dominar submetendo às diferentes interpretações a uma específica. Assim, Nietzsche enxergou Deus como o mais forte que existiu devido sua capacidade de se manter enquanto hermenêutica hegemônica, permanecendo vigente por longo período enquanto unidade estruturadora e valorativa de uma compreensão do mundo e da vida.

A morte de Deus tal como é apresentada por Nietzsche traz à luz uma porção de novos questionamentos sobre a vida especificamente, sobretudo em relação ao seu valor e sentido. É a partir desta necessidade que ele desenvolve um novo operador teórico para conceber o mundo e a vida, não mais em negação, fundamentado pela esfera transcendente, mas sim numa afirmação. E isto significa um esforço para construção de nova perspectiva sobre mundo e sobre a vida, resultando assim na ideia de vontade de poder através da qual se afirma a totalidade do real em sua multiplicidade de forças. Todavia, antes de trabalhar essa perspectiva de afirmação da vida se faz necessário explicitar e compreender as consequências do evento central da morte de Deus em certos aspectos que necessitam aqui ser mencionados.

Além de ser tema central no pensamento nietzschiano, a “morte de Deus” também é recorrente, pois sempre volta a ser abordada de diferentes formas. Aqui é preciso compreender que se trata de um evento histórico inescapável do qual resulta na supressão das categorias metafísicas e no fim da visão platônica dualista entre mundo aparente e mundo verdadeiro, sendo que tal evento é um resultado do próprio desenvolvimento histórico do pensamento ocidental, na medida em que a dicotomia entre sensível e suprassensível foi se mostrando insustentável. Nota-se que Nietzsche se refere em tal evento ao Deus cristão de acordo a seção 343 da obra *A gaia ciência*, todavia a morte de Deus está atrelada a toda a metafísica, significa dizer o fim da síntese metafísica, o ruir da distinção cosmológica de dois mundos.

É preciso, portanto, assumir as consequências históricas desse evento, pois tal dicotomia era o que fundamentava todos os valores a partir do valor da verdade enquanto valor supremo, assim sendo, a morte de Deus representa simbolicamente o esgotamento

desses valores e mesmo do valor da vida. “Deus está morto”, afirma Nietzsche, assim toda “a confiança parece ter se transformado em dúvida” e “tudo quanto irá desmoronar, agora que esta crença foi minada. Porque estava sobre ela construído, nela apoiado, nela arraigado” (NIETZSCHE, 2012, p.207). Por conseguinte, pode-se afirmar que a morte de Deus e o niilismo encontram-se necessariamente interligados, pois quando desmorona o fundamento máximo do mundo e da vida, todo e qualquer sentido e valor acabam por ser lançados ao nada. Esse acontecimento significa a perda da referência máxima de valor e sentido:

Somos todos seus assassinos! Mas como fizemos isso? Como conseguimos beber inteiramente o mar? Quem nos deu a esponja para apagar o horizonte? Que fizemos nós, ao desatar a terra do seu sol? Para onde se move ela agora? Para onde nos movemos nós? Para longe de todos os sóis? Não caímos continuamente? Para trás, para os lados, para a frente, em todas as direções? Existem ainda ‘em cima’ e ‘em baixo’? Não vagamos como que através de um nada infinito? [...] Não anoitece eternamente? (NIETZSCHE, 2012, p.137)

Tal é o diagnóstico feito pelo filósofo da experiência do homem moderno que se encontra numa situação na qual toda a determinação que estruturava, definia e orientava mundo e vida se reduz ao nada. Nesse sentido, o niilismo é a condição imediatamente decorrente da morte de Deus onde são suprimidas as categorias metafísicas que fundamentavam mundo e vida.²

Fica evidente para Nietzsche que a metafísica estabelece o nada como parâmetro para o mundo e para a vida, visto que sua justificação, sentido e valor são fornecidos através da dimensão suprassensível, ou seja, significa em última instância fixá-los sobre o nihil uma vez que o processo de desenvolvimento da própria metafísica ocidental culminou no absoluto esgotamento. E isso conduz propriamente à suspensão da possibilidade de verdade, pois não é possível uma fundamentação última. E diante disso a verdade se reduz ao nihil, uma vez que “o próprio Deus se revela como a nossa

² NF/FP 11[99] Novembro de 1887 – Março de 1888.

mais longa mentira” (NIETZSCHE, 2012, p. 210), percebe-se que o nada foi definido como critério para a vida com base numa crença irrestrita no valor da verdade.

Posto isto, resta ao pensamento a tarefa de questionar o valor dos valores. E é nessa direção que “a genealogia não interpreta simplesmente, ela avalia” (DELEUZE, 1976, p. 5) para delimitar tipologias de vida a partir da emergência dos valores, identificando negação ou afirmação. A dimensão suprassensível é tão somente uma projeção do sensível que surge de uma perspectiva humana tal como é mostrado no discurso *Dos transmundanos de Zaratustra*³, sendo uma configuração vital que não suporta o devir e por isso busca sentido e justificação numa fantasia vazia, preferindo o nada em detrimento da vida, isto é, nega a vida.

A morte de Deus teve um efeito catastrófico já que o mundo perdeu sua determinação e a vida acabou por cair num estado niilista como explicitado anteriormente. É nesse contexto que o novo empreendimento filosófico nietzschiano surge. A vontade de poder aparece como alternativa à concepção de mundo que até então prevalecia como hegemônica, ou seja, enquanto nova consideração do mundo e da vida para além da concepção niilista, pois agora o mundo será concebido como vontade de poder. A vontade de poder é caracterizada pela luta por mais poder, dominação e superação, sustentando o caráter dinâmico da vida através da luta incessante dos impulsos presentes em tudo que vive, porém a vontade de poder não se limita à vida, mas tudo é vontade de poder, diz Nietzsche: “Esse mundo é a vontade de poder – e nada além disso! E também vós próprios sois essa vontade de poder – e nada além disso!” (NIETZSCHE, 1999, p. 450), significa então dizer que tudo está submetido a essa mesma dinâmica cuja expressão é o pluralismo no embate pela expansão.

³ NIETZSCHE, 2011, pp. 31-34.

III. A vontade de poder como afirmação da vida

A vontade de poder aparece pela primeira vez, na obra publicada, em Assim falou Zaratustra ligada à ideia de vida. A vontade de poder é a doutrina da vida, Zaratustra é o advogado da vida. É a partir dela que Nietzsche pensa a efetividade do mundo e da vida em sua multiplicidade de impulsos. Essa concepção aparece de forma clara na obra Assim falou Zaratustra: “Apenas onde há vida há também vontade: mas não vontade de vida, e sim – eis o que te ensino – vontade de poder!” (NIETZSCHE, 2011, p. 110). Nesse sentido, na visão nietzschiana a vida é vontade de poder e surge já como uma vontade de expansão e de crescimento, como resistência a partir de um enfrentamento entre os impulsos, onde cada impulso quer expandir-se, desse modo a vida brota enquanto resultado da expansão do poder inicial. Contudo, não se pode fazer aqui um reducionismo e afirmar a vontade de poder como simples realização do poder, pois a vontade de poder está presente tanto no comando como também na obediência, conforme diz Nietzsche:

É virtuoso que uma célula se transforme numa função de outra célula mais forte? Ela tem de fazê-lo. E é mau que a mais forte a assimile? Ela tem de fazê-lo também; é necessário que o faça, pois procura abundante substituição e quer regenerar-se. [...] Alegria e desejo coexistem no mais forte, que quer transformar algo em função sua; alegria e vontade de ser desejado, no mais fraco, que gostaria de tornar-se função. (NIETZSCHE, 2012, p. 133-134)

Em adição, cabe mencionar que o filósofo critica a moral devido a sua recorrente pretensão de julgar o valor da vida com base em construtos antropomórficos limitados. Em sua concepção a vida é o valor máximo e, portanto, o valor que não pode ser avaliado já que para haver avaliação precisa haver vida. Em outras palavras, poder-se-ia dizer que a vida não pode ser avaliada porque a avaliação surge sempre a partir da parcialidade, ou seja, de uma perspectiva limitada do reduto humano na dimensão da vida e, deste modo marcado pelo fluxo do devir. No entendimento nietzschiano, a moral, o corpo e toda a realidade podem ser descritos a partir do âmbito dos impulsos. O pensamento

nietzschiano se situa em torno da vida, pois ela é a esfera fundamental onde se efetiva a dinâmica dos impulsos. Essa compreensão conduz a afirmação do próprio Nietzsche que diz que: “a própria vida é essencialmente apropriação, ofensa, sujeição do alheio e do mais fraco, opressão, dureza, imposição das formas próprias, incorporação e, pelo menos, no caso mais ameno, exploração” (NIETZSCHE, 2013, p. 210). Conceber a vida como multiplicidade de forças significa entender a dinâmica através da qual se constrói a compreensão da vida que perpassa todo vivente e, deste modo, em sua relação, cada impulso quer impor uma determinada perspectiva, cada impulso busca o comando. É dessa forma que o mundo se apresenta ao vivente como conjunto de interpretações possíveis de acordo com uma específica hierarquia de impulsos. E é a partir disso que se constrói a vida, moral e os valores. Conforme a afirmação de Nietzsche: “Não há quaisquer fenômenos morais, mas apenas uma interpretação moral dos fenômenos...” (NIETZSCHE, 2013, p. 95). É por isso que se pode concluir que a cada e todo instante o vivente está se relacionando com diversas possibilidades de interpretação de um dado fenômeno e da própria vida em seu caráter geral, ou seja, o vivente está em constante processo de mutações, pois ele se encontra marcado pelo fluxo do vir-a-ser. Nesse sentido, os modos de viver tem sua conotação estruturada com base na relação do ininterrupto conflito dos impulsos, sendo assim é possível compreender a afirmação de Nietzsche sobre a vida que elucida o caráter inerente a ela dizendo: “a vida mesma é vontade de poder” (NIETZSCHE, 2013, p. 35). Já que a vontade de poder se mostra como a “única qualidade que se deixa encontrar” (MÜLLER-LAUTER, 1997, p. 83).

É com base nessa explanação acima que fica inviabilizado ao vivente julgar a vida com base numa perspectiva moral, pois ele não está fixado, mas sim marcado pelo devir e, portando, em constantes transformações, oscilações e afetos inerentes a vida, isto é, marcado pelo devir. É por isso que a vida é, conforme Nietzsche, o valor dos valores. E tendo em vista que a vida compreendida como plenificação de instintos não pode ser avaliada, ela se torna critério de avaliação já que a partir dela se pode distinguir os fracos e fortes, enfermos e convalescentes, conforme expressa Nietzsche na dimensão artística em *A gaia ciência*:

Quanto aos valores artísticos todos, utilizo-me agora dessa distinção principal: pergunto, em cada caso, ‘foi a fome ou a abundância

que aí se fez criadora?”. De início, uma outra distinção parece antes recomendar-se – ela salta bem mais à vista –, ou seja, atentar se a causa da criação, é o desejo de fixar, de eternizar, de ser, ou o desejo de destruição, de mudança, do novo, de futuro, de vir a ser. (NIETZSCHE, 2012, p. 246)

Parece claro que é a vida enquanto manifestação do poder que se apresenta como critério para avaliação. E é através dela que o filósofo alemão identifica os mecanismos de empobrecimento, fuga e negação da vida. Nietzsche cita como exemplo Sócrates, pois de acordo com o próprio Nietzsche ele teria afirmado: “Oh Críton, a vida é uma doença!”, nessa perspectiva “Sofreu da vida!” (NIETZSCHE, 2012, p.204)

A mesma característica é encontrada nos fundadores de religiões, conforme diz o filósofo, estes “sofrem de empobrecimento da vida” e por isso negam a vida com suas ficções escatológicas, por outro lado existem aqueles que “sofrem de abundância de vida” enfrentam o sofrimento inerente a ela já que são plenos de tal modo que se permitem a “visão do terrível”, pois neles “o mau, sem sentido e feio parece como que permitido, em virtude de um excedente de forças geradoras, fertilizadoras, capaz de transformar todo deserto em exuberante pomar” (NIETZSCHE, 2012, p. 246).

Retomando, a vida enquanto critério de avaliação para identificar os modos de viver, apreendendo se há uma negação ou uma afirmação, conforme a citação acima, o que significa em suma a ideia de transformar deserto em pomar? Se nessa acepção a vida é vontade de poder e, portanto, se pode pensar nessa vontade enquanto uma força transbordante criadora e destruidora. Com base nisto, o desenvolvimento dessa ideia desde O nascimento da tragédia, onde Nietzsche já busca formular uma concepção trágica no qual afirma o sofrimento como inerente à vida, assim como, compreende os aspectos sombrios e luminosos e sua alternância na existência. Considerando isto, em sua afirmação de que tudo é vontade de poder, significa então dizer que a existência não tem nenhum sentido, nenhuma justificação moral, “Deus está morto” e assim não há fundamentos últimos ou bases sólidas sob os quais a vida possa permanecer, há apenas o conflito incessante. A vontade de poder, entendida como um impulso criador do mundo se assemelha a um instinto artístico, afinal age na qualidade de arte na função

de interpretação pela perspectiva, que é capaz de uma criação de valores na mesma medida em que é capaz de desconstruí-los e desse modo o perspectivismo se liga a vida, pois:

O que quer que tenha valor no mundo de hoje não o tem em si, conforme sua natureza – a natureza é sempre isenta de valor: – foi-lhe dado, oferecido um valor, e fomos nós esses doadores e ofertadores! O mundo que tem algum interesse para o ser humano, fomos nós que criamos! (NIETZSCHE, 2012, p. 181)

Isso consiste em aceitar a existência com sua escassez, pois tal potência da vontade de poder perpassa o indivíduo e nele instaura a possibilidade de assumir novas conotações e, dessa forma essa vontade age como força plasmadora e, portando, criadora. Nesse sentido, tal perspectiva é afirmadora já que nasce a partir da superabundância de vida que é capaz de aceitar a vida tal como ela é permeada de sofrimentos, sem nenhum sentido, justificação ou mesmo escatologia. O mundo, nessa perspectiva, é um jogo dos impulsos em permanente conflito, lutando para expandir seu poder. Assim, nada se fixa, há apenas o movimento perpetuo do vir-a-ser, assim sendo, a vontade de poder é o impulso primordial que constrói, destrói, junta, separa e articula tudo para além de qualquer critério moral ou transcendente e, portanto, além de bem e mal. Essa concepção de vontade de poder se aproxima da descrição nietzschiana sobre o pensamento de Heráclito na obra *A filosofia na época trágica dos gregos sobre o devir*: “Só neste mundo, o jogo do artista e da criança conhece um devir e uma morte, construído e destruído sem qualquer imputação moral, no seio de uma inocência eternamente intacta” (NIETZSCHE, 1995, p. 21).

Nesse sentido, afirmar a vida é afirmar a vontade de poder, pois através dela o homem supera a resistência presente como força em uma perspectiva fossilizada, cria novos valores e configurações vitais e afirma a totalidade do real. Desse modo, torna-se possível fazer aquilo que deseja a vida que é superar-se a si mesma e dessa forma abandonar o paradigma do homem moderno que é autoconservação já que, segundo Nietzsche:

Querer preservar a si mesmo é a expressão de um estado indigente, de uma limitação do verdadeiro instinto fundamental da vida, que tende à expansão do poder e, assim querendo, muitas vezes questiona e sacrifica a autoconservação. (NIETZSCHE, 2012, p. 217)

Essa vontade de superação descrita na obra Assim falou Zaratustra significa em absoluto a vontade de poder, buscando gerar mais vida, potencializando-a para superar e, desse modo, a vida encontra então uma perspectiva afirmadora-criativa, pois “a luta grande e pequena gira sempre em torno da preponderância, de crescimento e expansão, de poder, conforme a vontade de poder” (ibdem, p. 217), diante disso surge a possibilidade de apoderar-se da “abundância” de forças vitais. A vontade de poder exige necessariamente uma concepção trágica da existência numa bela afirmação, pois a vida é afirmada no próprio vir-a-ser como possibilidade de criação artística, ou seja, uma autopoiesis ousando “tornar-se o que se é”, assim significa assumir uma visão do terrível, isto é, aceitar que a vida não tem nenhum sentido e nenhuma teleologia, mas apenas o eterno conflito no fluxo do devir, e mesmo diante disso, afirmar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

DELEUZE, Gilles. Nietzsche e a filosofia. Tradução: Edmundo Fernandes Dias e Ruth Joffily Dias. Editora Rio – RJ. 1976.

MARTON, Scarlett. Nietzsche – das forças cósmicas aos valores humanos. São Paulo. Editora Brasiliense: 1990.

MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. A doutrina da vontade de poder em Nietzsche. Tradução de Oswaldo Giacóia Junior. São Paulo: ANNABLUME, 1997.

NIETZSCHE, Friedrich. A Gaia Ciência. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro. Tradução de Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2013.

_____. A filosofia na idade trágica dos gregos. Tradução de Maria Inês Madeira. Rio de Janeiro: Elfos; Lisboa: Edições 70, 1995.

_____. Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. Fragmentos Póstumos. Vol. VII: 1887 – 1889. Tradução: Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

_____. Obras incompletas. Col. Os pensadores. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999.

_____. O Nascimento da tragédia ou Helenismo e pessimismo. 2ª ed. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.